Guilherme de Almeida

Carlos Vogt

SELEÇÃO

Deixas, enquanto o luar branqueia o espaço, ~ pela escada de seda, o
arapeito... ~ E vens, leve e ainda quente do teu leito, ~ como um
ono de tule, por meu braço... ~ Somos o par mais poético e perfeito
~ dos últimos românticos... Teu passo, ~ cantando no jardim, marca
compasso ~ do coração que bate no meu peito. ~ Depois partes e

COLEÇÃO
MELHORES
POEMAS

Resumo de Guilherme de Almeida - Coleção Melhores Poemas

Guilherme de Almeida (Campinas, SP, 1890-São Paulo, SP 1969) viveu uma longa fase da história da poesia brasileira, que se estende do período crepuscular que antecedeu o modernismo ao surgimento e consolidação de movimentos como o concretismo ou a poesia praxis, chocantes à sua sensibilidade educada nos velhos clássicos.

Foi mais de meio século de atividade, em que o poeta exibiu um raro virtuosismo e domínio da língua, compondo poemas de sabor camoniano (Camoniana, 1956), recriando a atmosfera de velhos romances populares portugueses (Pequeno Romanceiro, 1957), parodiando a poesia grega clássica (A Frauta que eu Perdi, 1924), cultivando o verso parnasiano, simbolista, modernista (Meu, Raça, Encantamento, todos de 1925), mas sem nunca abandonar a nota romântica, predominante ao longo de toda a sua vasta obra.

Os seus primeiros livros, anteriores à Semana de Arte Moderna - de Nós (1917) a Era uma Vez... (1922) -, revelam uma poesia de meios tons, em que o agudo sentimento da beleza se harmoniza com um certo artificialismo, muito ao gosto da sociedade de então.

Tanto assim que os seus livros andavam nas mãos de todas as moças. A adesão ao modernismo evidencia um desejo de se ajustar ao gosto do tempo, mas não representa nenhuma mudança significativa em sua obra.

Dispensa "a rima e a métrica, mas a alma romântica continua", observa Carlos Vogt no prefácio aos Melhores Poemas Guilherme de Almeida. O poeta se manteve fiel às suas tendências pessoais, o que lhe foi muito benéfico.

Acesse aqui a versão completa deste livro